

BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida.
Dr. Antonio do Valle e Sousa.
Conde da Esperança.
E. Severim de Azevedo (Crispim).
Ferreira Mendes.
D. Jorge de Menezes.
J. Nunes de Freitas.
Luiz Trigueiros.
D. Maria O'Neill.

CHEFE DO ESCRITÓRIO — **J. Nunes de Freitas.**
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE JANEIRO DE 1913

N.º 335

ASSUMPTOS RELIGIOSOS



Nossa Senhora e o Menino Jesus
(Quadro de H. Holbein)

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de janeiro de 1913

CARTAS DO RIO DE JANEIRO

IV

O theatro — A sua nacionalização no Brasil.

DESBRAVEI, no ultimo artigo, o terreno da nacionalização *tant pis que mal*.

Vejo, porém, com algum desgosto, confesso, a impossibilidade de paraphrasear aquelle famoso dito de João Franco, na primeira phase do seu ministerio: «Os republicanos e eu caçamos no mesmo terreno». Estão, ao contrario, muito fóra do meu, os que por devoção ou dever tratam em jornaes, com maior ou menor competencia, coisas de arte. Responsaveis e anonymos, uns com feitto grave, outros com ares desdenhosos, parece haverem-se combinado quasi todos para matar á nascença o plano arrojado, e digno só de louvores, da nacionalização do theatro no Brasil.

Ha um, entre esses anonymos, que passou do jornal á epistola e que se dirige a mim para me descompor. Não por divergencia de opiniões, ou por adulteração de factos. Não. «Porque eu sou estrangeiro, e não tenho o direito de metter a foice em seara alheia, de metter o bedelho onde não sou chamado». Para este luminar, quem quer que é, um assumpto de interesse geral, que pertence ao dominio publico, internacional, porque a arte não tem patria — e é só da arte que se trata — para este figurão... sem nome, eu sou um mettedido, um abelhudo. Vejo, porém, que estou a perder tempo e tinta, e a entrar num caminho errado. Não se deve gastar cêra com ruins defuntos, nem perder o nosso latim com... anonymos.

O assumpto que desenvolvi o melhor que soube e pude no meu ultimo artigo, apesar de *comesinho e insignificante*, encheu em um ou outro jornal o espaço destinado ao rito solemne dos editoriaes. Para ser tratado a sério, como é proprio desse posto, chamado o logar de honra, e tantas vezes, com effeito, honroso posto de refrega e de combate? Não! Para ser tratado em tom chocarreiro, com ares desdenhosos e trocistas. Cheguei a ler algures, sob a mais pura fórma litteraria, é certo, que numa sociedade como a brasileira, onde é tudo importado, a nacionalização do theatro não passa de uma pretensão absurda, porque drama, arte, paixões, sentimentos, nada é de casa, vem tudo de fóra, vem tudo de França numa condessinha, como se dizia dantes que vinham os bebês, e que o unico genero de arte que o publico do Brasil comprehendia e saboreava era a opereta, porque só a opereta traduzia com verdade o modo de ser da vida brasileira.

Se um estrangeiro emittisse ou perfilhasse esta opinião não precisava de mais nada para ser deitado ás feras ou queimado vivo. Está no seu direito um critico brasileiro, mas não é menos authentico o direito que assiste, seja a quem fôr, judeu ou christão, portuguez ou china, turco ou grego, de dizer, onde quer que seja, que tal affirmativa, tanto mais audaciosa quanto menos justa, está fóra da observação e da verdade. Raro é o dia em que os jornaes d'esta cidade não apontam crimes, suicídios, adulterios, lances theatraes, scenas de sangue, lutas domesticas, violentos homicídios, por detraz dos quaes se entrevêm dramas e tragedias, conflictos de paixão, sentimentos em luta, raivas de Othelos, traições de Jagos, heroísmos de Gilliat's, hypocrisias de Tartufos, desesperos de Antonys, avarezas de Schyllocks, torturas de Triboulets, todo esse desfilar de vicios, de virtudes, de sacrificios, de paixões, que constituem a Humanidade.

Por que é então que se ha de rejeitar a hypothese de apparecer um escriptor brasileiro, de talento e de pulso artistico, que entre nas cavernas do soffrimento, nos tremedaeas da angustia humana, e arranque de lá de dentro, das profundidades da dôr e da amargura, perolas litterarias, joias de arte, ouro de lei, que ficam para sempre engastadas na litteratura do seu tempo e illuminem pelos tempos fóra a arte do theatro?

Pois tanto se descrê do valor, n'uma terra onde os homens de valor têm surgido em larga escala, n'este fecundo torrão brasileiro, que tem montanhas como o Corcovado e estadistas como Rio Branco, bahias como a do Guanabara e cerebros como o de Ruy Barbosa, rios como o Amazonas e maestros como Carlos Gomes, pintores como Pedro Americo e paisagens como as de todo o

Brasil, que tem esculptores como os Bernardelli, e poetas como em paiz nenhum, prosadores como Machado de Assis, romancistas como Aloysio de Azevedo, pois tanto se descrê do valor, que n'esta terra de prodigios se creia impossivel o prodigio de apparecerem homens de envergadura intellectual bastante para reproduzir em obras de theatro litterario, o theatro da vida, como ella é, com todas as suas *nuanças*, com todos os seus elementos em acção, a vida brasileira com o seu scenario, com o seu especial modo de ser, as influencias do seu meio, o amor ou a abnegação da mulher brasileira, as influencias do clima, os effeitos da organisação politica, tudo quanto caracteriza uma sociedade que tumultua, que trabalha, que pensa, que se diverte e que se julga no direito de conquistar e possuir tudo aquillo que de direito compete aos povos cultos!

Paiz só para opereta! Mas qual é o paiz do mundo, o menos civilizado, o mais retrogrado, a cuja face social se não possam applicar as duas mascaras theatraes: da comedia e do drama?!

Quando D'Ennery arrancava numa noite em Paris com a *Mar-tyr* ou as *Duas Orphãs* lagrimas ardentes a um publico emocionado, na noite seguinte Offenbach com a *Grã-Duqueza de Gerolstein*, ou Meilhac e Halévy com as suas *receitas* desopilantes, mandavam passear as lagrimas e davam livre curso á gargalhada. Em Portugal o *Solar dos Barrigas* e o *Burro do Sr. Alcaide* appareciam com esta divisa: «Tristezas não pagam dividas», e enxugavam num rufo o pranto que na vespera haviam feito derramar o *Pantano* e a *Triste Viuvinha*. Borbulhavam lagrimas ainda nos olhos vermelhos dos hespanhoes que assistiam ás angustias do *João José* de Dicenta, ou ás convulsões shakespeareanas em que se debatiam as almas torturadas das personagens de Echegaray, quando apparecia a dissipal-as e convertel-as em risos francos, que eram uma desforra, as hilariantes zarzuelas de Barbier, Valverde e Arrieta. Em Inglaterra, o proprio Shakespeare que com o *Othelo*, o *Ricardo III*, o *Rei Lear* ou a *Lady Macbeth*, levava o povo a taes paroxysmos, que entre as suas espectadoras algumas houve que abortaram em presença dos lances tragicos e pateticos, era elle mesmo, que vinha horas depois, desfazer com mãos leves de fada a teia negra, e com a mesma *vis* potente e creadora com que enchera de angustia os corações e de lagrimas os olhos, trocava a noite pela alvorada, as tempestades, que ainda rugiam, pelos frescos arreboses matutinos, e o pavor das tragedias por completo o dissipava com as observações picantes, a fina e penetrante ironia e a graça infinita dessas comedias geniaes que se chamam a *Fera Domesticada*, *Comedia dos Erros*, *Muita bulha para nada* e *Sonho de uma noite de verão*.

Não, não reste duvida, no theatro como na vida, na natureza como na sociedade, na paisagem dos campos como na tela do pintor, o matiz, o claro escuro, são elementos imprescindiveis e não é outra coisa a existencia humana senão lagrimas e risos, virtudes e vicios, jubilos e dores, lutos e noivados. A vida não é mais que um conjunto de antitheses e de contrastes, e o artista supremo é aquelle que melhor a reproduza, em todas as suas cambiantes, como será benemerito da sua terra aquelle que atravez da Arte a saiba transplantar ou para as paginas de um livro ou para o palco de um theatro. Em Eschylo e Aristophanes: a Tragedia e a Comedia — não palpita só a vida da Grecia. Vive n'elles o Universo.

Ahi têm porque eu repudio a doutrina dos que entendem ser innacionalisavel o theatro brasileiro, por não haver no Brasil assumpto senão para opereta. Ahi têm porque eu entendo que os que pensam ao contrario e nesse sentido agem, fazem melhor serviço ao paiz.

Consigam estes collocar-se acima de doestos e malquerenças, sigam direitos o seu caminho, tragam para a sua grey quantos os acompanham nos mesmos intuitos de renovação, estimulem as iniciativas e o talento, facilitem as boas vontades, e visto que se trata de theatro, consigam por concursos, por premios, por incentivos de toda a natureza, desde o interesse material até á gloria litteraria, que os moços brasileiros, providencialmente fadados para altos destinos intellectuaes, enveredem pelo caminho do theatro, que exactamente por ser o mais espinhoso e arriscado é, quando vem o exito, o mais glorioso de todos.

O que no ultimo artigo escrevi, repito-o hoje. Se d'ahi resultasse no futuro uma *élite* de escriptores dramaticos, consagrada, sancionada, satisfeita ficaria a nobre ambição dos que á cruzada se houvessem dedicado, e ficaria resolvida a primeira parte do problema de nacionalização do theatro do Brasil.

Rio de Janeiro,

JAYME VICTOR.

Eterna Canção

Versos de JULIO DANTAS.
Musica de ANTONIO VIANNA.

Dr. Antonio Vianna
que compoz a musica
das
«Canções Portuguezas»

Andante con moto

CANTO *P.* Ólho as nu - vens doi - ra - das pe - los ares,

PIANO *P.*

Breves co - mo a ven - tu - ra que per - di.....

Ólho estrelas do céu, on - das dos mares, E só te ve - jo a

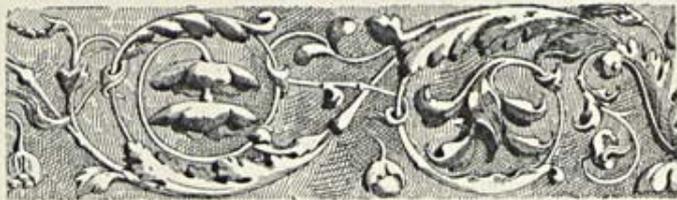
rall^o

ti! E só te ve - jo a ti!....

Ólho as nuvens doiradas pelos ares,
Breves como a ventura que perdi...
Ólho as estrelas do céu, ondas dos mares,
E só te vejo a ti!...

Oíço os campos onde a agua é um lamento,
E a voz d'ouro das aves canta e ri...
Oíço uivar os pinhaes, gemer o vento
E só te escuto a ti!...

Tudo nuvens, estrelas, céu profundo,
Tudo se me turvou, quando te vi...
E não has-de ser tu todo o meu mundo,
Se eu só te adoro a ti!...



POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

XIX

JUIZO DO ANNO

CADA anno novo que desponta traz consigo milhares de esperanças e illusões. E' uma *étape* mais a vencer na vida, desenhada incertamente para todos, cheia de contornos que mal se divisam n'um horizonte nublado. Pequeno véo que se começa rasgando ao amanhecer d'um dia, na fugida d'uma estrellta, no despontar d'um raio de sol, e que é o inicio d'uma nova marcação para os risos e para as lagrimas.

Quantas mães olhando os berços onde repousam essas trouxinhas de carne rosada que são todo o seu enlevo, que são toda a sua vida, erguem, ao despontar do novo anno, as suas melhores preces para que o Céu proteja aquelle que iniciou a vida.

Essas oram pelo Futuro que desponta em mais um traço do infinito Tempo...!

E as fronteas enrugadas que os cabellos brancos prateiam, curvam-se tambem n'uma supplica ao Deus Supremo quando na derrota da Vida mais uma folha se vira, aproximando o tumulo.

Essas rezam pelo Passado que o novo anno vem encobrir afastando cada vez mais as Recordações queridas da existencia...!

Assim, n'um sorriso para o berço e n'uma lagrima para o tumulo, vae despertar o 1913, que ali o collegi Borda d'Agua me acaba de dizer ser governado pelo planeta Mercurio.

Esta revelação acanha-me de proseguir no meu *Juizo*, porque receio das conclusões a tirar da influencia astronomica indicada.

Como se já não bastasse ser o *treze* do seculo xx, ainda por cima o novo pimpolho vem sob o governo do filho de Jupiter e de Maia, esse rufia da eloquencia, do commercio e dos ladrões, que tambem desempenhava nas horas vagas as funcções de conductor das almas para os infernos!

E, alem disto, que terrivel cadastro eu lhe fui descobrir nos registos do governo civil do Olympo e que para bem informar os leitores me obrigou a uma caminhada á celebre residencia mythologica entre a Macedonia e a Thessalia.

Lá vi, a folhas qualquer coisa d'um sebento pregaminho, acerca de Mercurio, a queixa de Neptuno pelo palmanço do seu tridente; a nota da entrada no Limoeiro por causa do roubo da espada de Marte e a participação de Venus por lhe ter surripiado o cinto...! Mais ainda constava na folha seguinte: o filho de Jupiter era arguido de transformar Battus em pedra, de esconder as armas e a lyra d'Apollo servindo-se desta para adormecer Argus, e (até parecia que tinha sido educado no moderno civismo portuguez) effectuar arbitrariamente a prisão do Prometheu sobre o monte Caucaso...!

Levado da breca!

Calculem, portanto, os leitores amigos o que será um anno influenciado por tal cavalheiro!

Não desejo atemorizar ninguem, mas a espinhosa missão de que estou incumbido obriga-me a deduzir sobre os dados que tenho.

O anno que vae nascer é o terceiro que encontra a rebel'õ na nossa terra os Senhores da Republica. Já bem longe, portanto, das ruindades *ominosas* elle deve possuir a pureza d'um *historico* — d'um desses *historicos* de vermelhedão herdada em tres gerações successivas. Este factor é de capital importancia para ajuizar o que será o 1913, fecundado ao som da *Portuguezza*, por entre ventas esmurradas que

São como beijos de mãe
Que nos guardam e nos sustentem...

e nascido ao compasso do mesmo liberal hymno, sem que uma unica nota menos rubra viesse perturbar a sua gestação.

Politicamente deve ser encarnadissimo.

Mas que fará elle?

Como deus de eloquencia é de crer que quem pague as favas (a 37330 reis por dia) seja o parlamento. Ora é sabido que a oratoria nacional está na proporção directa dos disparates realisados. Quantos mais discursos se pronunciam, mais carrapatas se arranjam.

Um pavór, portanto.

No commercio então a sua influencia deve ser decisiva. Em fallencias? Não. Em... fraudulencias. Porque é necessario notar que Mercurio é tambem protector dos ladrões; e esta duplicidade de funcções no commercio e na gatunagem ha-de fazer-se reciprocamente sentir.

Quantas vezes, sob a apparencia d'um negocio licito se pratica um roubo, e quantas vezes tambem é alcunhado de roubo o que na verdade não passa d'uma transação commercial. E tudo por ter o mesmo Mercurio a presidir!

E' de prever, portanto, que o gesso, a serradura, a anilina, o pau de campeche e *tuti quanti* com o nome de viveres alimenticios fricciona o bucho do proximo, tenha, em 1913, um maior desenvolvimento. Se sem a influencia do mythologico menino d'azas nos pés, já Deus sabe o que se armazenava no nosso interior, agora com a decidida protecção do filho de Maia, deve ser de efeitos fulminantes...

Para a ladroagem — a que tem este nome official e que de resto é a menos nociva — vae certamente o 1913 ser um anno cheio, sob a protecção do surripiador do cinto de Venus e da lyra d'Apollo. Mas, nada teem a reear... os larapios. O Limoeiro está cheio de *criminosos* politicos. Não tem vagas para cidadãos de *delictos communs*...!

Os leitores provavelmente estão apavorados com a perspectiva, mas a culpa não é minha. Deduzi dos dados que encontrei, e... não disse tudo! Não disse mesmo a decima parte, para evitar maiores sustos.

Imagem, por exemplo, se o bregeiro do 1913 tem filiação no Centro de S. Domingos?! Pois fiquem sabendo aqui muito em segredo que houve quem me garantisse que sim... que era democratico o maroto do anno novo!

Cruzes, canhoto, ha de ser de fugir!

CRISPIM.

Cantar de amigo

«Ay flores! ay flores do verde pino.
Se sabedes novas do meu amigo?
Ay Deus! ond'está?»

Ay flores! ay flores do verde ramo.
Se sabedes novas do meu amado?
Ay Deus! ond'está?»

Se sabedes novas do meu amigo,
Aquel que mentiu do que pós comigo?
Ay Deus! ond'está?»

Se sabedes novas do meu amado
Aquel que mentiu do que me ha jurado.
Ay Deus! ond'está?»

Vós preguntades pelo voss'amigo?
E eu bem vos digo que é san'e vivo.
Ay Deus! ond'está?»

Vós preguntades polo voss'amado?
E eu bem vos digo que é viv'e sano.
Ay Deus! ond'está?»

E eu bem vos digo que é san'e vivo
E será vosc'ant'o prazo saído.
Ay Deus! ond'está?»

E eu bem vos digo que é viv'e sano
E será vosc'ant'o prazo passado.
Ay Deus! ond'está?»

REI D. DENIS.

Carocha Pintada

GAUDENCIO de Araujo fóra durante a sua mocidade um garboso conquistador. Chegado á idade em que todos põem de parte as aventuras, não se achou com animo de pedir reforma em tão delectosa occupação, e continuou sempre...

Mas, é forçoso dizer a verdade, mesmo quando se escreve no intuito de fazer passar rapidamente o tempo, elle já não tinha vontade de amar. No seu intimo chamava *delambidas* ás mulheres que cortejava, quando as não apodava de *seresmas*. Mas o que é certo é que uma côrte, um galanteio, um namoro da rua para a janella, dava-lhe momentaneamente a impressão de que era moço ainda. Tudo, porém, tem fim. Chegou a occasião em que as mulheres começaram a olhá-lo como se olha para um velho e por tal motivo deixou de inspirar paixões.

— Mas tem cuidado. Gaudencio. Lembra-te de que as noites estão húmidas e tu, além do rheumatismo, tens os bronchios no estado em que bem sabes...

E ficava-se a pensar nos seus achaques. Depois animava-se e retorquia em tom de quem tem pleno direito de contestar uma coisa que o incommoda:

— Não, mil vezes não. Este viver é estúpido... Vejamos: tudo se pode conciliar. E se eu arranjasse um namoro de dia, ahí das tres para as quatro, n'uma casa que a essa hora projectasse sombra no passeio?

Passou uma linda costureira, levando obra, e o sol, batendo-lhe no cabello, parecia coroa-la d'um diadema de ouro.

Gaudencio, levado pelo habito, não resistiu á tentação de lhe dirigir um cumprimento. Ella olhou-o com modo desprezador e, sem parar, disse:

— Tão velho! Está bebado, coitado!

— Velho! resmungou elle por entre dentes. E' sempre com esta feia palavra que me atiram. Não se lembram que tambem hão

NATIVIDADE



Reprodução d'uma antiga gravura

Foi repellido asperamente, ou com zombarias e, (coitado do Gaudencio de Araujo!) qualquer das cousas lhe doía tanto, tanto, que elle não sabia qual lhe doía mais.

Tentou conformar-se com o logar de confidente das bellas mulheres que encontrava pelas salas, mas não pôde. Para isso é preciso ter um espirito superior, saber gozar intellectualmente no estudo comparado da psychologia dos homens e das mulheres, nos tempos que se teem atravessado, e Gaudencio tinha um cerebro tão acanhado e pequenino que só sabia fallar, e muito superficialmente, de mulheres, cavallo e gulodices!

Depois, os rapazes de que se rodeiava nos cafés, começaram a fugir-lhe.

Sentado n'um banco da praça do *Rio de Janeiro*, dizia com-sigo:

— Isto não pode continuar assim... Se me persuado que estou velho, mórru... Tenho de arranjar outra vez namoro.

Depois, a prudencia aconselhava-lhe:

de chegar a ser velhos e que mal lhes vae, se assim não succeder. N'isto, atravessou a rua uma mulher gôrda e baixa, com a cara coberta por um espesso veu branco.

— Bôa mulher! murmurou o Araujo. Não ha duvida... Parece que se vem sentar aqui.

Compoz a gravata, retorceu o bigode e mettu o dedo polegar da mão esquerda na cava do colete, emquanto com a direita fazia florear a bengala no ar.

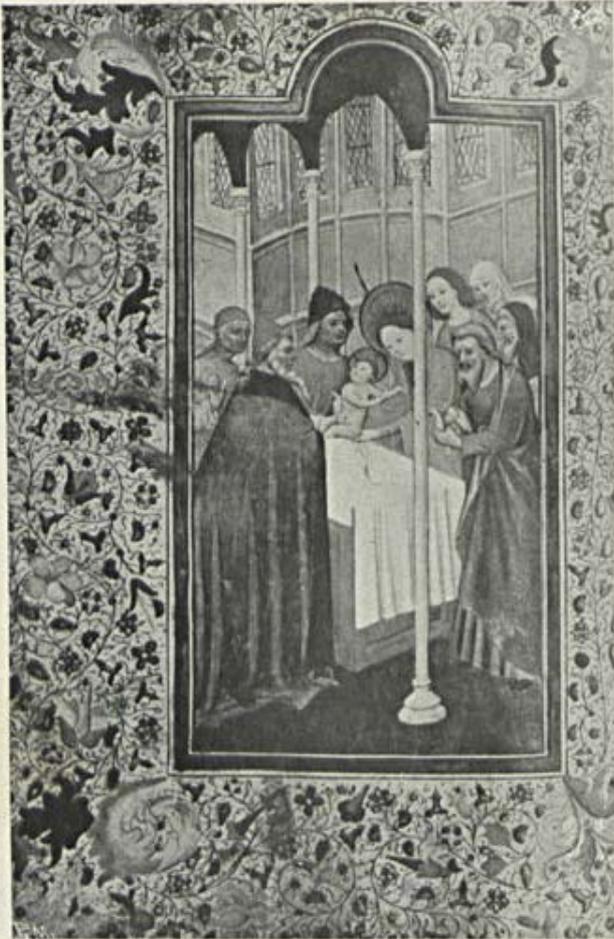
A senhora a quem elle se referia, olhou em roda, e, vendo todos os bancos tomados, foi sentar-se a mêdo n'aquelle que Gaudencio de Araujo occupava.

Elle dizia com-sigo:

— Devia ter sido bonita. Eu sempre gostei das mulheres de fórmas redondinhas... mas já não é uma novidade... terá... talvez a minha idade...

Era um exaggero. A criatura não tinha mais de sessenta e oito annos e elle dava-lhe generosamente mais sete. Mas estava tão

Apresentação de Jesus Christo no Templo



Cópia de uma iluminura do Livro de Horas de El-Rei D. Duarte existente na Torre do Tombo

bem pintada no rosto e no cabelo que não aparentava mais d'uns cincoenta.

Gaudencio soltou um suspiro de commiserção por si e pensou: — Se ao menos eu arranjasse uma coisa assim...

Pobre criatura! nem ao menos as honras de pessoa elle lhe dava.

D. Etelvina abriu o saquinho de velludo bordado para tirar o lenço e, ao assoar-se, deixou-o cahir no chão. Quiz curvar-se para o apanhar, mas não era possível: o colete que trazia não lhe permitia tanta liberdade.

O Gaudencio precipitou-se amavelmente e entregou-lhe o indispensavel com um sorriso gracioso.

D. Etelvina agradeceu penhorada, censurando o seu desatramento.

Estabeleceu-se a conversa. Ella disse estar alli esperando uma irmã. Não gostava de se sentar sózinha nos jardins publicos porque costumam ser mal frequentados; mas a irmã padecia da doença nacional: uma falta de pontualidade desesperadora. Passou uma hora em agradável colloquio para os dois, ao fim da qual appareceu uma velhinha muito apressada, á qual D. Etelvina deu lugar no banco e a quem apresentou o senhor Gaudencio de Araujo, porque o velho conquistador, logo que soubera que a irmã ia chegar, lhe dissera muito naturalmente o seu nome e posição social.

Ellas retiraram-se, e o nosso homem seguiu-as até casa.

D. Etelvina, ao entrar no predio, não sei se propositada ou casualmente, voltou a cabeça e Gaudencio, tirando rapidamente a carteira do bolso, mostrou-lhe um sobrescripto.

Ella sorriu e acenou affirmativamente com a cabeça.

Começou então para os dois uma vida deliciosa, com projectos de futuro e tudo.

Elle ia fallar-lhe sob a varanda, coberta por mimosas trepadeiras em flôr, das 3 para as 4, como desejava por causa do rheumatismo e da bronchite, e era vê-los então quando se não

judgavam observados. Elle tinha attitudes de Romeu: ella, requebros de Julieta. Um encanto!

Um dia em que, apoiado á bengala, n'uma posição juvenil, paparreta e elegante, elle expelia dos labios uma baforada de fumo e, depois de lhe ter perguntado se o amava, lançava ás pedras da calçada um olhar, identico de certo áquelle com que Napoleão, depois da victoria, fitou o campo de batalha de Austerlitz, sentiu-se puxar fortemente pela manga do casaco.

Era uma velhinha com a mesma idade que elle, mas sem nenhuma pretensão. Como via pouco, não reparára no que elle estava fazendo e dizia-lhe em alta gritaria:

— Bem me parecia que eras tu... Como estás bem conservado, Gaudencio! Olha que ainda pareces bem!

— Sim, sim, respondia atrapalhado o nosso Araujo. Se me não fallasses, não te conhecia.

— Não admira, tenho soffrido tanto! Quem dirá que eu tenho quasi menos um anno do que tu!

D. Etelvina, na janella, ruborisou-se apezar da espessa camada de pó de arroz.

— Olha, vae a minha casa... é aqui perto. O passado, passado. Nós já não somos os mesmos de ha vinte annos e acharemos graça a recordar a mocidade.

— Pois sim, sim. Adeus.

— Tens pressa?

— Muita pressa.

— Muita pressa?!

— Muita.

— Então, adeus.

— Adeus.

Gaudencio fingiu que se afastava em sentido contrario e, ao vê-la desaparecer na esquina da rua, voltou sob a varanda de D. Etelvina.

— Está tudo acabado, disse-lhe esta n'um tom furioso. O senhor enganou-me: disse-me que tinha sessenta annos: parece impossivel! Nunca mais aqui volte. Então não ia eu casando com os restos d'um homem!

Elle olhou-a com ar altivo e disse-lhe:

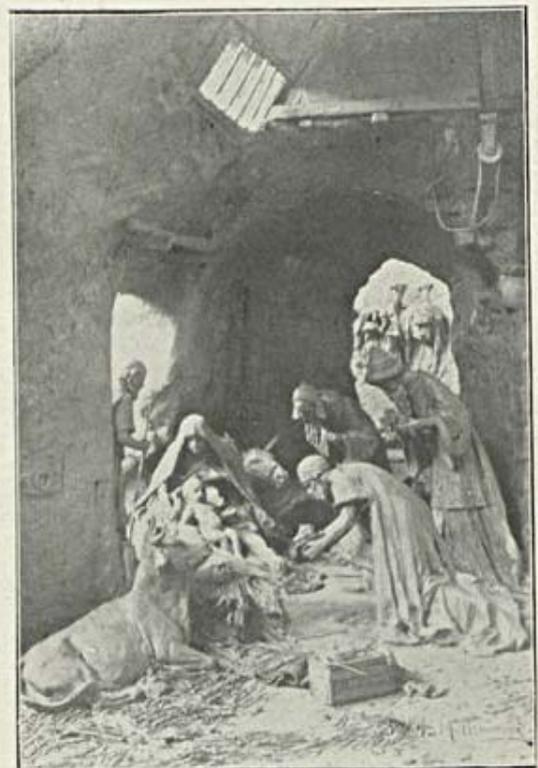
— Pois creia, D. Etelvina que a grande gloria de amor de toda a sua vida será a de ter sido o meu ultimo *gargarejo*.

E voltou-lhe solemnemente as costas.

No outro dia, abancado em casa da causadora do rompimento, contava-lhe entre risadas o seu ultimo devancio chamando á pobre D. Etelvina *carocha pintada!*

São todos assim, até o Gaudencio.

MARIA O'NEILL.



A adoração dos Reis Magos

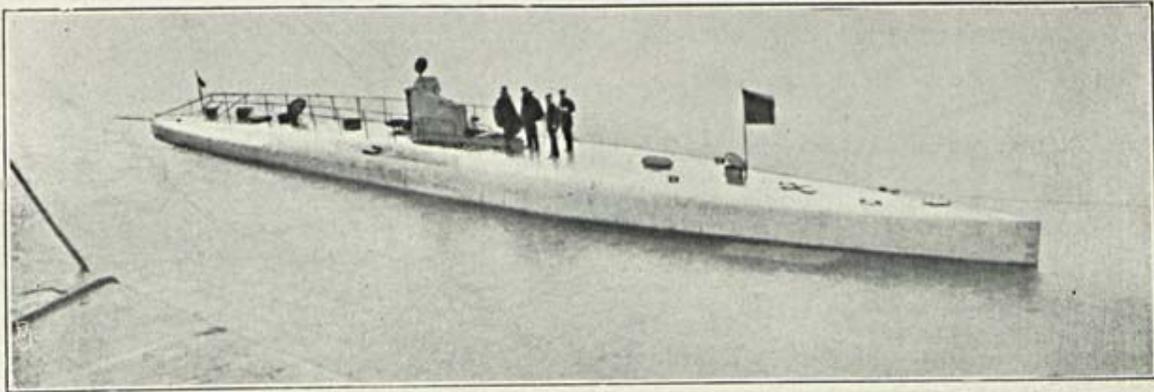
Assumptos de Marinha

A descoberta dos submarinos data de 1624, época muito remota em que von Drebbel experimentou em Londres uma pequena embarcação, de remos articulados, navegando debaixo d'água. Depois de algumas tentativas realizadas posteriormente, com o emprego de manobras violentas realizadas a braços, Fulton, em 1800, aproveitando a ideia de Bushnell,

rinos para a Allemanha. A questão capital apresentada foi a do motor: o emprego do vapor na navegação á superfície e da electricidade quando mergulhados. O engenheiro Laubeuf vio alcançar pleno exito o seu systema de um navio chamado submersivel, destinado a navegar quer á superficie, quer debaixo d'água, provido de dois motores um a vapor e outro movido por accumuladores electricos. E' este o systema que garante a taes navios a sua autonomia. A arma do submersivel é lançada quer pelo emprego de um tubo, quer pelo emprego de braços moveis, systema Drzewucki.

Emquanto o submarino tem um casco fusiforme, geralmente

Assumptos de marinha



O submersivel «Narval», construídos em 1912

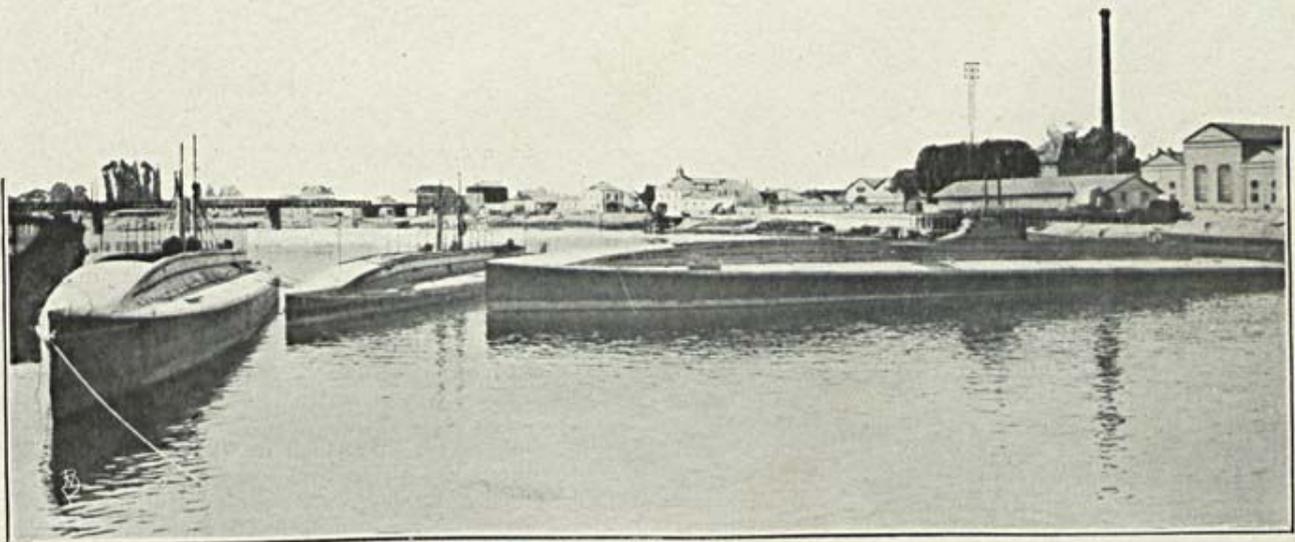
offereceu a Napoleão I um navio submarino. Em 1819 os irmãos Coessin proseguem nas experiencias de navegação debaixo d'água e em 1864 um pequeno barco construído com o mesmo intuito destruiu o *Housatonie*, durante a guerra da Successão. Vencedor e vencido tiveram a mesma sorte de ir parar ao fundo do oceano, mas apesar do desastre sofrido as experiencias foram concludentes e desde essa época os trabalhos nunca mais pararam.

Em França, em 1885, Zédé apresentou o plano do *Gymnot*, que entrou em construção em 1886. Este navio media 17^m de comprimento, 1^m,80 de largura e deslocava 30 toneladas. Tinha a velocidade de 8 milhas com accumuladores. Romazotti fez adoptar depois o *Gustavo Zédé*, de 48 metros de comprimento, 3 metros de largura, 248 toneladas, e com a velocidade de 12 milhas com accumuladores. Succedeu-se ainda o *Morse*, com 150 toneladas, e finalmente o engenheiro Laubeuf concebeu o plano do submersivel *Narval*, que produziu os resultados mais satisfatorios. Holland continuou as suas experiencias na America, vendendo á Inglaterra a patente da sua invenção. Nordenfeldt construiu alguns subma-

ponteagudo nas duas extremidades em fórma de charuto, o submersivel Laubeuf apresenta a fórma de um torpedeiro ordinario, de um verdadeiro navio para navegar, com excellentes qualidades nauticas. A marinha franceza possui actualmente em serviço, ou em construção, 50 navios do typo submersivel, dos quaes 43 são do systema Laubeuf. Deve lançar á agua este anno aquella poderosa nação 9 submersiveis de 430 toneladas do mesmo typo. As nossas gravuras representam o aspecto do estaleiro Schneider & C.^a, onde estão sendo construídos os submersiveis para alguns paizes estrangeiros e um dos submersiveis do typo Laubeuf.

O submersivel é o inimigo terrivel do couraçado; com um pequeno emprego de capital, pode ser aniquilado n'um momento o mais poderoso *dreadnought*, que custa milhares de contos de réis. E' o submersivel a arma das nações maritimas que dispõem de fracos recursos. Assim o entendeu o parlamento portuguez, votando para serem adquiridos alguns d'estes navios.

C. S.



Assumptos de marinha

Estaleiros da casa Schneider & C.^a em Chalons-sur-Saône — Grupo de submersiveis construídos para diversos paizes estrangeiros

Como se fazia um padre

I

ANACLETO era um moço sadio, de pelle morena, allumiada por uns olhos negros de antilope, onde passavam enlanguescimentos fugazes de oriental.

Nascera na Serra da Estrella, de um casal de lavradores que andava ás geiras, ganhando e aferrolhando os crusados para a futura ordenação.

Nos primeiros dias, depois do parto, ainda o pequerrucho, encolhido no regaço, mal sugava o leite do seio e já a mãe, enlevada, lhe affagava a cabecita molle, mosqueada de caspa negra,

— Pois não tem que saber: Lá daqui a uns annos mette-se por pobre no seminario, e ahí temos o nosso amparo e o das irmãs. E' a melhor vida... Um homem moe-se com trabalho, por toda a vida, e nunca chega a coalhar riqueza... E elles, em mettendo a barba no calix, nunca lhe falta a prata e o tracto... Até cantam quando os outros choram... E' a melhor vidinha, não é Nacleto?...

E levado por um impulso de ternura, ergueu, gloriosamente, o filhito nos braços fragueiros, perguntando-lhe, carinhoso, enquanto lhe limpava o nariz:

— Tu queres ser padre, pois queres, Nacleto?

O petiz, ainda com as narinas comprimidas, e a bocca abafada no lenço, acenou, alegremente, com a frente, um gesto affirmativo e contente, como se lhe offerecessem uma gulodice...

A QUESTÃO DO ORIENTE

A guerra entre os estados balkanicos e a Turquia



Tropas servias acampadas em frente de Andr.nopla

onde, dahi a vinte e quatro annos, havia de reluzir, alvejante e brunida, uma corôa de abbade.

Por extensas horas, acocorada na cama, deleitava-se a tracejar, com a polpa do dedo medio, a pequena circumferencia que havia de restringir o espaço da tonsura, alheando-se a tactear o circulo coberto de cabellos brandos, sedosos, até sentir os dedos deliciosamente picados nos cabellos duros e curtos da corôa aberta...

Aos cinco annos já o Anacleto rouquejava o latim do prior, assaltava as mesas e as cadeiras, a prégar, erguia altares, fazia cruces e guiões, e, vestindo uma anagoa da irmãsita mais velha, ia cortando o latim dos baptisados e enterros...

— Pois mulher! — exclamava o pae, sentando-o, envaidecido, nos joelhos — isto vae dar um padre de respeito! Temos aqui uma vocação!

— Quem sabe lá, homem! quem sabe lá!... — murmurou a mãe, de olhos humidos, mal acreditando aquella gloriosa esperança.

Foi assim que, aos cinco annos, o Anacleto fez os primeiros votos de se consagrar ao sacerdocio.

Aos doze annos, munido das cartas de exame primario e de bom comportamento (!) Anacleto dava entrada num cubiculo escuro do seminario, tolhido n'uma batina estreita de saragoça dura, os pés comprimidos n'uns sapatos afivelados de latão e a garganta abraçada por uma fita de aço, coberta de borracha.

Muito chorava o pequeno seminarista durante os primeiros dias do internato!

Como tudo ali era differente da serra!

O ar parecia-lhe sempre coado por um panno negro, e a luz do sol, reflectida de uma parede velha para o interior da cella, lembrava-lhe o clarão do cirio amarello que a avó accendia nas horas de trovada...

Tinha medo!... medo e saudade!...

Era tão alegre e bom andar descalço, sem chapeu, em cerou-

las de estôpa e camisa desabotoada, a chapinhar nos lameiros abeberados de agua, roçando as pernas nas folhas dos renôvos, pisando a terra nas aradas lavradas de fresco!...

O ar e a luz bebiam-se lá até fartar!...

Ali tudo lhe mediam: a malga de leite, a colher da manteiga, as orações, os passos, a cama, o somno, a vigília!...

Parecia uma dieta imposta para uma futura operação!...

Davam-lhe o café por uma chavena e a luz pela janella!...

O café e a luz, em maior quantidade, era verdade definida, no seminário, que desordenava o systema nervoso — a concupiscencia, como lá se dizia.

O Anacleto é que não sabia disto!...

Aquella janella era o seu martyrio e o seu allivio. Deitava para um claustro soturno onde a luz descorava, sumindo-se e corrompendo-se nos musgos humidos, e valia ao pequeno montanhez que se debruçava a medo sobre ella para — sem verem os prefeitos — beber uma porção maior de ar!...

Mas era como se num dia ardente, de sede estival, bebesse, ao

cresciam as plantas da Igreja, seduziu-o uma agua chôca de tempestade, passada de raios e trovões!

O que valia, ao Anacleto, para socego da sua alma, era não ter a consciencia da sua falta. Remorso, não havia.

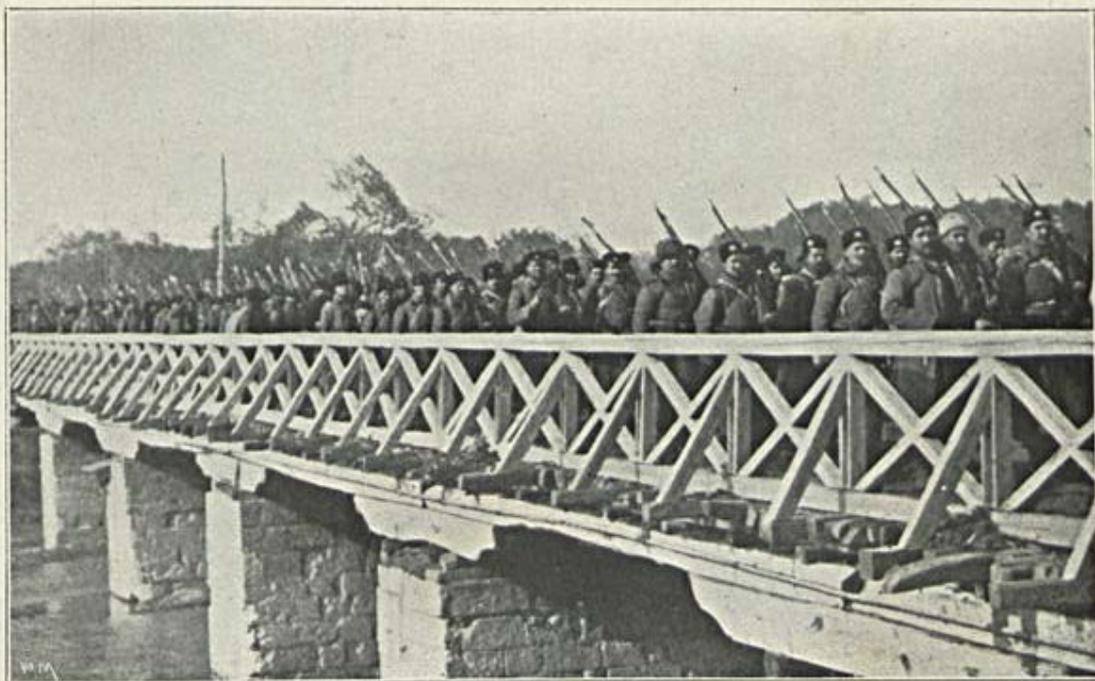
Era um amor physico, sensual, mas legitimo, irresistivel, porque, no seminário, havia apenas duas creaturas naturaes: o Anacleto, enclausurado no quarto, e a Agua, encerrada n'um deposito!...

(Continúa.)

PADRE ALVARES D'ALMEIDA.

A typographia primitiva em Portugal

Seis annos depois que em Basilea fôra achada a famosa arte da impressão, como attesta haver visto o conde da Ericeira, na bibliotheca do conde de Vimieiro, foram impressas em Portugal as coplas do infante D. Pedro.



A guerra entre os estados balkanicos e a Turquia — Um corpo de tropas do exercito bulgaro a caminho de Andrinopla

de leve, na superficie verminada de um charco, a agua estagnada e quente por uma palha de trigo!...

A agua!

Era a sua boa amiga sobre a qual jamais haviam cahido suspeitas de tentadora!...

O padre-prefeito — fiel amante de *pinga-berde* e da moral disciplinar, nunca pensou que alguem pudesse encontrar seducções nesta creatura de Deus!...

Ora, a agua!... Podia lá imaginar-se!...

E todavia endoidecera o Anacleto.

Tremia no seu coração, ainda verde, um alvoroço de tenra sensualidade quando ia tira-la ao deposito para uma bilha vermelha, de aza franca, que elle mettia, sensualmente, no braço, como se fora a mão de uma amante prohibida levada, medrosamente, ao seu quarto de futuro levita, na meia escuridão dos corredores.

Mal entrava no quarto, corria nervosamente o ferrolho, erguia a bilha nas mãos, collocava-a, amorosamente, sobre a cama, ajoelhava nas taboas, e, abraçando-a pelo gargalo, bebia, bebia, até suffocar.

Só mais tarde soubera, pelo confessor, que cometera um peccado!

Eis como uma malha cahida no regulamento disciplinar, deixando sem espia, no seminário, uma creatura de Deus — a Agua — tornara impuro peccador um pobre rapazito que viera ingenuo e candido das varzeas da sua aldeia!

Mãe do ceu! Com um rio tam grande lá na terra, correndo ao ar livre e tão rente do chão que era só debruçar-se, nunca o demo o tentara á gula, a beber de mais, e ali n'um viveiro, onde

Em 1479, foram impressas as *Epistolas e Evangelhos que se cantam no decurso do anno*, traduzidos em Português por Gonçalo Garcia de Santa Maria. Mas é de crer que já em 1464 houvesse typographia em Portugal, como se pôde inferir da carta legalmente copiada na Torre do Tombo, com que D. João Manuel, bispo da Guarda, deu á execução o breve de Pio II sobre a reforma das vestimentas do clero d'este reino, no qual, explicando-se o executorial a respeito da tonsura, se manda que os clerigos tragam corôa aberta tão grande e tão redonda como a redondeza, ao fim d'aquella carta impressa. O Papa Pio II morreu em 1464.

A estas obras seguem-se a impressão hebraica do *Livro do caminho da vida*, de Jacob ben Archer, em Lisboa, em 1485, e em 1489 o *Pentateuco hebraico*.

A *Vida de Christo*, de Valentim da Moravia e de Nicolau de Saxonia, traduzida por Fr. Bernardo d'Alcobaça, é de 1495, dez annos posterior ás primeiras edições hebraicas.

ANECDOTA

O medico a um doente... á força:

— Então, como vae isso?

— Mal, sr. dr., muito mal!... Olhe, se amanhã vier dizer-me que estou morto, não me admiro!...

O homem e o verme

Ria convulsa e ébria a natureza!
Pude isolar-me então no centro della,
E como que num folego sorvél-a,
A floresta! a floresta! Que riqueza!
Expoz-me o seio oxygenado e vasto,
E na aridez dos labios sequiosos,
Dos orvalhos do amor, dos castos gozos,
Poz-me um sopro de vida, um beijo casto.

Lembrava assim uma affectuosa mãe
Cingindo ao peito o filho estremecido
Que lhe pedisse amor ao ser batido
Pela sorte implacavel. Mais ninguem!
Assaltou-me não sei que estranha idéa,
Achei-me forte, achei-me omnipotente,
De ar fresco saturei-me lentamente
E vi no azul sorrir a lua cheia.

Oh, natureza provida, oh floresta!
Espalha-me por este coração
O sopro alentador do teu pulmão
Robusto, que não quero senão esta
Dadiva generosa e salutar,
Quero o alimento essencial da vida,
De germen uma gotta appetecida
Quero em teu seio uberrimo sugar.

Baloçando-se as arvores abriam
Para mim os seus braços musculosos
Dizendo-me com gestos silenciosos
Palavras que os ouvidos nunca ouviam.
As folhas balbuciavam-me o segredo
Das venturas ignotas, ideaes,
Julguei que doces trechos musicaes
Sahiam da garganta do arvoredo.

Os aromas que exhala a primavera
Correndo como vagas espumantes
Impregnavam de fluidos penetrantes
As camadas subtis da atmospheria.
Distillavam-se filtros sensuaes
No ambiente sereno e azulado;
Eu estava já de todo embriagado,
Quiz andar, vacillei, não pude mais.

Brandamente impellido pela aragem
Reclinei-me no leito de verdura
E mergulhado em sonhos de ventura,
Intraduziveis em qualquer linguagem,
Dormi alli um somno fundo, extenso,
Emquanto a Terra, a mãe omnipotente,
Embalando-me entoava docemente
Os harmoniosos canticos do Immenso.

Não posso descrever o que senti
No perpassar daquelle vago sonho,
O céo affigurou-se-me risonho
E tão alegre como nunca o vi.
E num entresonhar delicioso
Cuidei ver nelle o rosto do Infinito
Cujo olhar sobre mim estava fito
Atravez das estrellas em repouso.

O luar sobre as plantas incidindo
E a cada uma realçando a cõr
Recordava-me um prodigo pintor
Com vivissimas tintas colorindo
O seu quadro mais bello e predilecto,
E sobre elle entornando largamente
As maravilhas do seu estro ardente,
As perolas geniaes de um doido affecto.

Repousava num leito luxuriante
Entre verdes lençoes de vegetaes
Que sentia ranger como crystaes
Quando os fende uma lamina cortante.
E ao receber oscillações suaves
Eu julguei dissolver-me em ar, em luz,
Em aromas subtis, e até suppuz
Voar, voar, alegre como as aves...!

Um assobio estridulo do vento
Veiu-me despertar neste momento
E subito chamar-me á realidade;
Então olhei em torno e tive medo
Das aves, das estrellas, do arvoredo
Do vento a sibilar, da immensidade.

Julguei que ia tragar-me um negro abysmo,
Julguei ser o mais infimo algarismo
Desta addição magnifica: o Universo.
Da Natureza o magestoso poema,
Arrebatado á inspiração suprema,
Talvez eu fosse o mais obscuro verso.

Invejei tudo quanto me cercava,
E suppuz que a minha alma fosse escrava
De um tyranno senhor, de um Deus occulto.
Um verme que alli perto se extorcia
Tomou em minha estranha fantasia
As proporções de um luminoso vulto.

Aquella vida alegre e satisfeita
Em que se espraia uma existencia estreita
E livre, ambicionei-a para mim,
E áquelle ser nojento e repugnante
Lodo que eu transformava em diamante,
Tive vontade de dizer assim:

Tu podes mais do que eu, és mais feliz,
No saudavel frescor deste matiz
Tu aspiras a força que dá vida,
E encontras o ideal que mais te apraz
Numa raiz, nas folhas de um lilaz,
Na haste de uma planta apodrecida.

Mas de subir este desejo intenso,
Esta anciedade de attingir o Immenso,
Que arranca lagrimas á alma crente,
Esta batalha que precede a morte
Em que triumpho sempre o que é mais forte,
Este riso forçado e descontente,

Isto que nos esmaga e nos tortura
Não soffres tu, ditosa creatura,
A quem profundas maguas não consomem,
Tu que realizas sempre o teu desejo,
E provas, quando o Sol te dá um beijo,
Que o verme ascoso é mais feliz que um homem.

(De um livro em preparação)

JAYME VICTOR.

A VIDA ELEGANTE

Quem terá razão? O futuro o dirá. A' chronica apenas cabe o dever de constatar o facto, dando a 1912 a palma do triumpho incontestavel pelo que respeita á concorrência feita aos milagres

Casamentos elegantes — A exposição Zoé Batalha Reis — Festas em projecto

ESTE anno de 1912 que está agonizante á hora em que traço as primeiras linhas d'esta chronica, foi o mais casamenteiro da ultima dezena de annos. Andaram ahi e andam, pessoas desoladas a pintar o futuro com negras côres, a desenrolar um sudario de miserias financeiras, prophetisando ruidosas derrocadas, gemendo e chorando n'este valle de lagrimas; e

Vida elegante



Madame Zoé Batalha Reis



Vida elegante

A exposição de pintura de madame Zoé Batalha Reis
Retrato de mademoiselle Maria Ignez Botti

— apesar de tão sombrias previsões, o noticiario das gazetas sempre a registar casamentos, que é como quem diz, a dar noticia da abertura de novos lãres, dando conta do inicio de novas existencias, em termos de formarem um singular contraste — as apregoadas tristezas e desillusões dos que descrevem a situação presente, e as evidentes alegrias e serenas esperanças, dos que se aprestam para o futuro!...

de S. Gonçalo de Amarante, que, apesar de ser casamenteiro das velhas, segundo é voz corrente, em muito influe a meudo para que as novas sejam contempladas n'essa loteria da sorte.



Vida elegante — A exposição de pintura de madame Zoé Batalha Reis — O quadro «A minha ninhada»

N'este mez de dezembro com que findou o anno, entre outros, dois casamentos muito elegantes foram realizados com excepcional brilhantismo de aspectos. Na capella do palacio dos condes de Burnay, o casamento da sr.^a D. Maria Amelia Burnay Morales de los Rios com o sr. Octavio Leitão; no templo da Estrella o casamento da sr.^a D. Pilar da Cunha Sotto Mayor com o sr. Fernando Ferreira Pinto Basto.

Ambas formosas e distinctas, são as duas noivas muito conhecidas na sociedade elegante de Lisboa, á qual tambem pertencem



Vida elegante — A sr.^a D. Maria Amelia Burnay Morales de los Rios

os noivos, dois rapazes justamente estimados nos circulos mundanos.

Publicando-lhes os retratos, o *Brasil-Portugal* associa-se ao natural jubilo dos nubentes e das suas distinctas familias.

A exposição Zoé Batalha Reis foi na quinzena finda, um acontecimento mundano e artistico tendo portanto de figurar n'esta despretenciosa resenha das occorrencias que notabilisaram a vida elegante da capital.

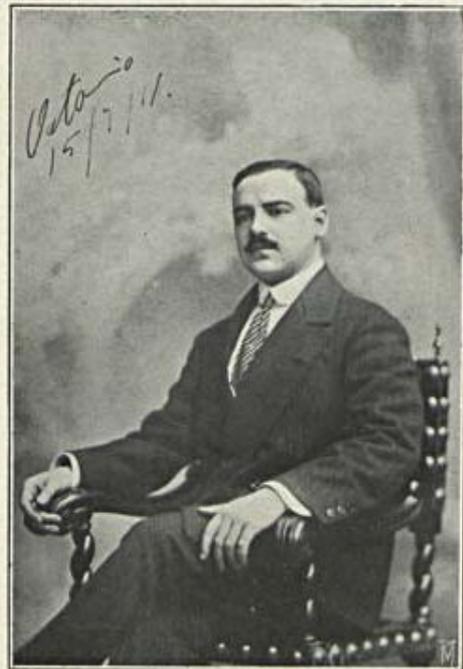
M.^{me} Zoé Batalha Reis, que no seu atelier da rua de S Francisco de Paula orienta no ensino da pintura dezeseis meninas pertencentes a distinctas familias de Lisboa, allia ao merecimento real, uma intransigente modestia, — má condição para caminhar na vida, á hora em que a audácia e o desplante saltam a pés juntos todos os obstaculos em vertiginosa corrida, sem dar tempo a indagações meticulosas acerca da justiça que possa assistir aos que assim avançam levados impetuosamente nos hombros fortes do reclamo.

Os seus quadros, sendo bem um producto da arte feminina, pela infinita delicadeza com que são cuidados certos detalhes, pela commovida graciosidade dos assumptos e tocante doçura da expressão das figuras, principalmente os velhos e as creanças, revelam todavia uma decisão máscula na firmeza do desenho e na justesa do colorido. M.^{me} Zoé Batalha Reis evidenciando n'esta primeira exposição tais qualidades, triumphou plenamente. A critica dos jornaes foi em absoluto favorável á illustre pintora; e o atelier Bobone passou a ser um ponto de reunião obrigádo das altas elegancias femininas que se extasiam na contemplação de tantas obras primas, brotando d'um pincel tão brilhantemente manejado por uma delicada mão de mulher.

E como quer, repetimos, que a exposição Zoé Batalha Reis, seja um acontecimento artistico e por egual mundano, aqui o registamos como de justiça.

Festas em projecto... A chronica apenas sábe por enquanto de algumas téas elegantes e de uma linda festa de arte em que

as creanças, pelo que tem inspirado á poesia e á musica, vão ter consagração especial. Nada mais podêmos adeantar por agora; mas visto que nos referimos ás creanças, vem a proposito dizer



Vida elegante — Octavio Leitão

que o Natal deste anno viu duas formosissimas e artisticas festas que merecem menção especial.

Na vespera desse dia solemne, realisou-se em casa de Madame Macieira Lino e seu marido o sr. José Lino Junior, uma linda e alegre *matinée* infantil. Cerca de trinta creanças, vestidas de branco as meninas e á maruja os rapázes, encheram de buliçosa alegria as salas do bello palacete da Cova da Moura, sendo alli senhores incontestados n'essa tarde de excepcionais jubilos.

Realisou-se um interessante programma. José de Brito Lino, com brio e desassombro pouco vulgár nos seus risonhos seis annos, cantou lindas canções portuguezas acompanhádo ao piano por sua mãe. Augusto Rósa, o eminente actor, preencheu a segunda parte

do programma, recitando algumas formosas poesias de Affonso Lopes Vieira, com grande brilho, em termos de sér entusiasticamente applaudido. Depois, *tea* na artistica sala de jantar e por ultimo a inesperáda exposição d'uma sobérba arvore de Natal, junto da qual veláva, guardando os prémios, o filho mais novo do sr. José Lino Junior, — o Antonio de Brito Lino, que figurando o velho Tempo, de cabelleira e barbas brancas e longa tunica de velludo vermelho guarnecido a arminho, esteve impagável de... serena respeitabilidade, de guarda aos numerosos brindados aos pequeninos convidados d'aquella interessantissima fésta.

Escusádo seria dizêr... que foi bem suggestiva de puras alegrias, — essa linda *matinée* infantil!...

A outra festa, teve um caracter encantadór de religiosidade; foi a solemnisación do Natal com um presepio em que as figuras eram pequeninos da familia da sr.^a Condessa de Valenças, — a organisa-dora da fésta. O aspecto d'esse quadro biblico éra esplendido. A linda ideia teve pois, uma sobérba realisación.

L. T.



Vida elegante — A sr.^a D. Maria Amelia Burnay Morales de los Rios e o sr. Octavio Leitão

A belleza é uma flór, cujo perfume é a bondade.

Natal

Acima da geada do telhado,
Na álgida tremulina do luar,
Erguem-se ténues, léves pelo ar
Os rôlos de fumo prateado.

Parece que se fez um batisado
Em todas as casinhas do logar;
Ha luz e flôres. lume em cada lar,
O sino toca á missa. Tem chegado

De outras terras os filhos, os parentes,
Atraídos ao bérço maternal
Como pombos que voltam ao pombal.

Beijam-se os nétos; lembram-se os ausentes.
Estão na mēsa já filhózes quentes...
Noite de festa: noite de Natal!...

Leiria,

J. DE OLIVEIRA SIMÕES.

plar o clarão phosphorescente dos relampagos que illuminavam tudo em redor com a sua luz tragica e fugitiva. E o vulto asqueroso da bruxa, cercado d'uma luz subita, destacava-se de instante a instante, em pé sobre o rochedo, batido pelo vento, a saia remendada esvoaçando n'uma agitação febril.

E ora surgia, qual phantastica visão, ora tornava a sumir-se no seio mysterioso da noite. Ai do temerario que arriscasse um passo n'aquella solidão, depois do sol posto. Bem caro pagaria tão ousada loucura. Mas, como corria por toda a parte a fama d'esse monte maldito, o povo das redondezas nem sequer pensava em tal. Conhecia bem a historia do despenhadeiro immenso que ali existia e por onde a feiticeira fizera cahir tantas creaturas já!

Eis porque havia muitos annos que ali não perpassava nem uma sombra humana.

Ora, uma noite em que mais quieta e calada estava a natureza, a velha, fóra da caverna, poz-se a escutar attentamente porque lhe parecera ouvir, muito ao longe, lá p'rás bandas da quebrada opposta, um som qualquer que viera morrer ali n'um debil gemido. Esperou! E depois, mais perto, um toque violento atravessou o pinheiral, rebolou pelas quebradas dos montes visinhos, enchendo toda a escuridão da noite com um longo echo sonôro. Era um cavalleiro que vinha de longes terras, montado no seu ginete e que, tendo de atravessar todo o reino da Hespanha



Vida elegante — O casamento de Fernando Pinto Bastos com mademoiselle Sotto Maior — A chegada da noiva pelo braço do dr. Sotto Maior

A feiticeira do monte

A' prima Laura Fernandes Dias.

EXISTIA outr'ora uma velha feiticeira que morava n'um monte solitario, entre um negro pinheiral, muito longe dos povoados. Na encosta d'esse monte havia uma caverna escura e humida, sob um enorme rochedo escarpado, que servia de tecto massiço ao antro diabolico da bruxa. Quando a neve cahia durante todo um agudo inverno, nem eu sei como não se lhe gelava o sangue nas veias e não se lhe inteiriçava o corpo, já tão gasto e resequido, sob um frio tão impenitente. Deitava-se no chão, sobre a terra barrenta, na escuridão do seu antro. A's vezes, o vento muito forte ia pela cava dentro, fazia redemoinho sobre o corpo da feiticeira, soprando rijamente com bramidos infernaes. Outras vezes eram tufões devastadores que arrancavam pinheiros pela raiz e levavam tudo de roldão pela encosta abaixo, com um grande ruido de pedras arrastadas pelos enxurros, com todas as vozes lugubres do vendaval desfeito. E a velha maldita parecia feita de granito, impassivel sob as fúrias da natureza e sob os açoutes brutaes dos ventos praguejantes.

N'essas longas trovoadas que aterrorisam os homens e fazem tremer a terra, ella ia para cima do rochedo da caverna contem-

no cumprimento da missão que o seu rei lhe confiara, encontrara-se afinal n'aquella noite, perdido entre o pinheiral negro e cercado pela treva densa. Tocava, por isso, uma grande trompa de caçador que trazia consigo, na esperança de que alguém lhe respondesse e o guiasse por um caminho certo e seguro. E, louvado Deus, eis que a curta distancia divisa uma luzinha que se agita, como que a chamal-o, a indicar-lhe o caminho. E o cavalleiro dirige-se então, sofregamente, para essa luz promissora. Mas — oh! tristeza! — a luz desaparecera no mesmo instante.

Desesperado, toca novamente a sua trompa. E a hedionda bruxa, responde logo, n'um grito penetrante, lá do meio da encosta:

— Eh! lá!

Planeava attrahil-o ao despenhadeiro, fazel-o cahir ali, como acontecera a tantos outros desgraçados. Já ouvia bem perto o tropel do ginete.

E conhecendo ella as sinuosidades do monte, foi andando em direcção ao abysmo e gritando sempre, como n'uma anciedade, entre aquelle pinheiral soturno:

— Eh! lá!

O cavalleiro ouvia distinctamente o grito enorme que se afastava á medida que elle seguia, mas não via ninguém. Um terror immenso o invade então. E o mesmo grito continuamente atroando

o ar: — «Eh! lá! Eh! lá, cavalleiro!» — berrava a maldita. O desgraçado parou um instante, cabellos eriçados, todo elle a tremer nervosamente.

E atravessado por um mau presentimento, arfando n'uma angustia inenarravel, descobriu-se, beijando a cruz que trazia ao pescoço e resando fervorosamente. De novo uma luz surgiu a distancia, tremeluziu por segundos e logo após desapareceu.

Era já para além da meia noite e a treva era impenetravel. Como poderia, pois, andar uma creatura a essas horas, n'um lugar deserto e frio, a não ser elle, cavalleiro, que fôra surpreendido pela noite e se perdera no meio do pinheiral?

Apeou-se n'um momento; e ajoelhando em tal solidão, resou



Vida elegante — O casamento de Fernando Pinto Basto com mademoiselle Sottomaior — Os noivos no largo da Estrella, á sahida da igreja.

mais ainda, olhos no céu, pensamento em Deus. E o grito ao longe era agora mais terrivel, mais aspero, mais agudo:

— Eh! lááá! Cavalleiro!

Então, com um desespero terrivel, o homem salta de novo para o seu ginete e, confiante em Deus, o corpo adormecido já por uma especie de torpôr, a cabeça desvairada por tantos sobresaltos e tantas emoções, atira-se como um louco em direcção á voz. Uma gargalhada estruge, fria como a neve, aguda como um punhal. Nada, porém, o faz parar. Um cavalleiro, digno d'esse nome, não recua nunca, nem mesmo deante da morte. Era contra o invisivel que se propunha lutar? Embora! Que Deus o acompanhasse com o seu infinito poder, no meio de tão aspera tarefa e de tamanha solidão. E monologando assim, tirou do seio a cruz de prata que sempre o acompanhava — unico arrimo dos desventurados, só lembrada nas horas afflictivas e nos transes maiores da humanidade.

A esse tempo já a bruxa se havia sentado á borda do abysmo,

para vêr como se precipitavam e despedaçavam lá no fundo, sobre os rochedos, cavallo e cavalleiro. E ria já intimamente da grande catastrophe, quando, de repente, vê o ginete a dois passos, mesmo direito a ella.

— Valha-me o diabo! — diz a bruxa furiosa. O perro mau vem direito a mim!

E tentando fugir para não ser esmagada, escorrega no limo das catadupas que por ali se haviam despenhado, perde o equilibrio, e, n'um horroroso grito de raiva e desespero, desce ella mesmo, n'um baque surdo, pelo tenebroso sorvedeiro. E enquanto um clarão suavissimo alumia tudo, o cavalleiro refreava o ginete e parava, de repente, a dois passos do despenhadeiro que lhe seria tumulo, se não fôra a intervenção piedosa de Deus.

De Deus, sim! Porque no meio do clarão um anjo viera, enviado do céu, para quebrar a força diabolica da temerosa feiticeira. E apenas despenhada que ella foi, extinguiu-se, esmaiando a pouco e pouco essa luz divina, azul celeste, como elle nunca vira tão formosa.

Outra vez na escuridão, o cavalleiro não se move, esperando que surja o dia. E é depois d'uma eternidade que um nevoeiro muito espesso, enchendo o mundo, branqueia tudo, como se tudo se houvera transformado n'uma grande montanha de algodão em rama.

Mas a pouco e pouco a nevoa dissipa-se e uma facha sangrenta tinge as bandas do nascente.

Emfim, é dia claro. E o cavalleiro, curioso, vae então espreitar o fundo do precipicio.

Entre montões de ossadas, lá jaz o corpo horripilante da velha, todo elle n'um feixe, espesinhado e mutilado.

Só assim acabaria, como acabou, a terrivel feiticeira do monte: por intermedio de Deus. Senão, que força humana venceria aquella bruxa diabolica?

Eis porque depois, todas as vezes que o cavalleiro relatava este facto veridico da sua vida, se voltava para as creancinhas que o rodeavam e lhes dizia invariavelmente que o *Feitiço, muitas vezes, volta-se contra o feiticheiro*, como a maldade se volta contra os maus, e que a grande força da humanidade seria sómente uma fé profundamente verdadeira n'Esse que tudo pôde e tudo manda, simples na sua omnipotencia, justo nos seus designios, infinitamente misericordioso para toda a humanidade!

Bahia, 8-8-912.

MANOEL ABREU.

PENSAMENTOS

A fortuna é sempre cega para aquelles a quem não concede os seus favores.

Facilmente desculpamos os defeitos dos nossos amigos quando elles nos não affectam.

A sorte indemnisa-nos de muitos erros de que a razão não conseguiria indemnisar-nos.

Quanto mais velhos mais insensatos e mais cordatos a um tempo nos vamos tornando.

Pouco prazer nos estaria reservado se nunca tivéssemos que nos lisonjearmos.

Muitas vezes soffremos menos sendo enganados que não o sendo por aquelles a quem amamos.

ROCHEFOUCAULD.

As infelicidades esquecem-se, mas não se perdoam.

M.^{me} DE SÉVÉNI.

Trova popular

Dizem que o cigarro tira
As magoas do coração;
Fumado, o cigarro acaba,
As magoas nunca se vão.

ANECDOTA

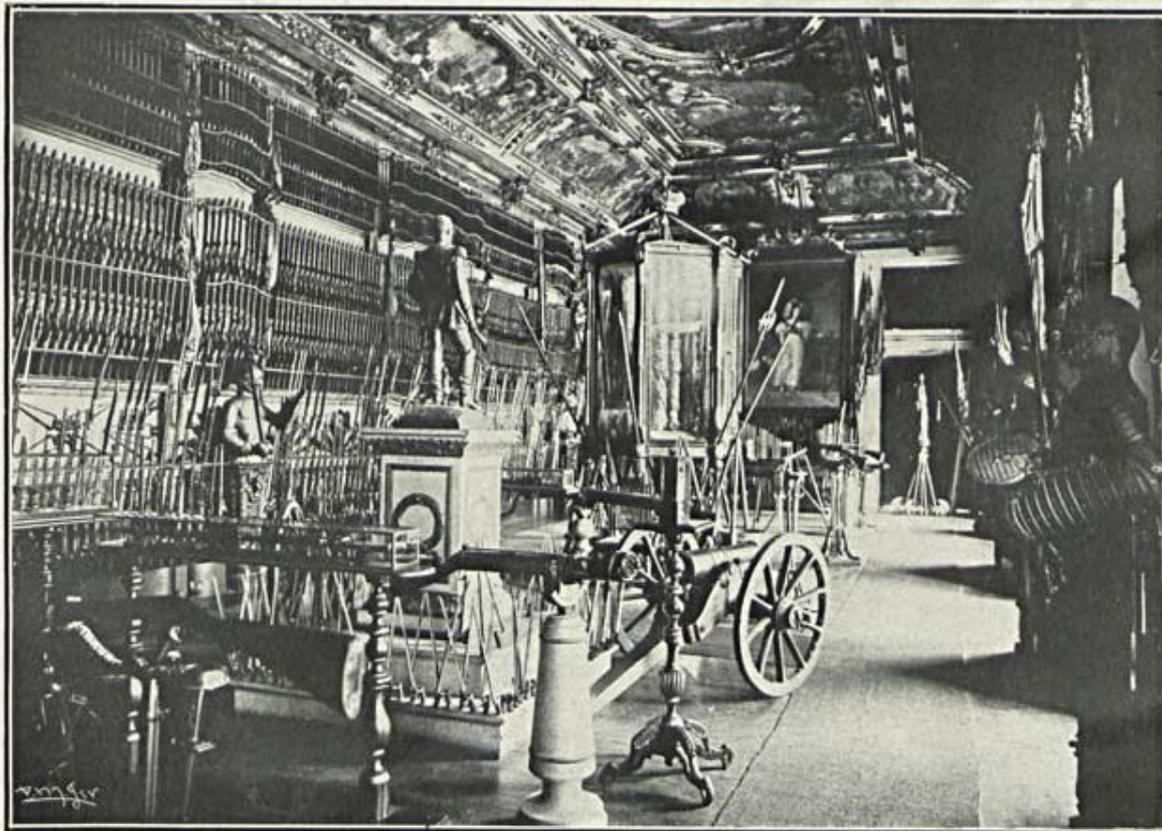
Calino, em punição de um delicto qualquer, é condemnado a trinta dias de cadeia.

O seu advogado informa-o que tem um prazo de seis mezes para se constituir prisioneiro.

— Nada! exclama o nosso amigo, quero ir já para a cadeia, afim de aproveitar os dias mais curtos do anno!

Assumptos militares

Museu da artilharia



A sala D. Maria II

A peste na historia

A bacteriologia não tem feito até hoje senão confirmar, a proposito de peste, a acção attribuida pela opinião popular aos ratos na dessiminação da doença. No Yunão, a peste é conhecida pelo nome de «doença dos ratos».

Parece que esta noção é tão velha como a propria peste, porque no antigo Egypto o rato era o symbolo da peste.

Em Thebas, no templo de Phtá, o deus da *Destruição* era representado com um rato na mão.

Além d'este encontram-se outros testemunhos nas lendas do velho Egypto.

E' assim que no Velho Testamento se conta que o Anjo exterminador fez morrer em uma unica noite 185:000 assyrios do exercito de Sennacherib. Ora a tradição egypcia conta o mesmo caso, mas de maneira differente. Tendo Sennacherib invadido o Egypto, foi obrigado a fugir a toda a pressa e a voltar a Ninive, porque o Phtá enviou n'uma noite enormes multidões de ratos ao acampamento assyrio.

O Anjo exterminador da Biblia, n'aquella circumstancia, segundo a versão egypcia, foi um simples rato pestoso.

A VIDA

(Fragmentos)

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que n'esta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degraus do tumulo descendo.

Em se ella annueando, em a não vendo,
Já se me a luz de tudo annueava;
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.

Alma gemea da minha, e ingenua e pura
Como os anjos do céu (se o não sonharam...)
Quiz mostrar-me que o bem bem pouco dura!

Não sei se me voou, se m'a levaram;
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que ainda em vida não choraram...

JOÃO DE DEUS.



O baritone Mauricio Bensaude

(† a 22 de Dezembro de 1912)

Está de luto a arte portugueza, pois perdeu com a morte de Mauricio Bensaude um dos seus mais apaixonados cultores.

Os seus meritos como artista são bem conhecidos de todos aquelles que frequentaram S. Carlos em 1903 e que o ouviram nas operas «Tanhauser», «Aida», «Adriana Lecouvreur» e «Bohème» e ainda ha

bem pouco na Trindade nas operas «Serrana», «Carmen» e «Barbeiro de Sevilha».

Publicando o seu retrato prestamos á sua memoria a nossa modesta mas bem sentida homenagem.

Se vos mandarem chamar
Para ver uma função,
Respondei sempre que não.
Que tendes em que cuidar:
Assim se entende o rifão:
Quem está bem deixa-se estar.

ALVARENGA PEIXOTO.

O CHOUPAL

Tristes choupos, doentes a morrer,
Braços longos erguidos n'uma prece,
Qualquer de vós ao meu olhar parece
A sombra fugidia do meu ser!

Vivos outr'ora no lindo amanhecer
De um dia que tão cedo me anoitece,
E depois, na Alleluia de ascender
Para um sol que hoje brilha e não aquece!

Salve o Céu pardacento que mal vejo
Vae galopando o lugubre cortejo
Dos vossos corpos nus e descarnados.

Nem vestigios diviso de outras eras,
Quando o riso das vossas primaveras
Embalava os meus sonhos encantados!

Coimbra, Outubro de 1912.

DOMITILIA DE CARVALHO.

THEATROS

THEATRO DA AVENIDA



Marido para trez mulheres